



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwaibach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Joaquim Lima; *Serenata*, soneto, por Lorjó Tavares; — *A primeira poesia de Camillo*, por Alberto Pimentel; *Comedia do amor*, por Alberto Telles; — *Esmola da creanca*, versos, por A. Marinho da Silva; — *As nossas gravuras*; — *Em familia (passatempos)*; — *Um conselho por semana*; — *A rir*; — *Theorias* (de A. Karr); — *A hora tragica, em quinta feira maior*, por Guiomar Torrezão; — *Uma paixão*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: — *Miguel Paes*; — *Francisco d'Oliveira Chamizo*; — *Dr. Van der Laan*; — *O incendio do theatro Baquet*; — *Modas*; — *Actor Firmiano*; — *Arsena de Veneza*.

CHRONICA

Não sei se chore...

Porque, afinal, dispersa como vae pelo infinito espaço a fumarada sinistra, e remediadous quanto possivel os seus terríveis effeitos, custa-me a crêr que alguem ainda me tomasse a serio as lagrimas que, sem grande custo, eu poderia n'este ponto derramar.

A caridade, jorrando vertiginosamente sobre os destroços da catastrophe, valeu de certo mais do que as lamentações do estylo nas grandes crises populares; e a caridade, ella mesma, a mais util e a mais delicada feição da natureza humana, cil-a estorcendo-se já nas mãos profanas da politica, que a leva ao colo e se propõe reduzil-a, em breve trecho, ás proporções mesquinhas do carneiro com batatas.

Fazer bichinha gata ao Porto, tem sido sempre, e mais agora do que nunca, a aspiração tenaz de todos os partidos militantes n'este pequeno paiz onde floresce a laranjeira, e em cujo delicioso clima, de resto, todas as fructas se dão bem. Vamos a vêr se a caridade pega.

E' certo que, animada a politica de tão bonitos sentimentos, sincera ou hypocrita que seja no exercicio d'elles, terá um dia na sua vida servido para alguma coisa. Mas, francamente, será depois bem applicada esta

corrente d'amor que ahi se desenvolve? Não será excessiva tamanha febre, não será um tal excesso inutil?

Vejamos: Cerca de cem pessoas perderam para sempre a luz n'aquelle noite cruel de 21; para essas, é largo o cemiterio, e dentro das respectivas campas não cabe já o sentimento do publico que, de mais, as pro-



MIGUEL PAES

fanou pisando-as. Não é pela saudade, confessemos, que o nosso espirito abrange a memoria d'aquellas victimas; é pelo horror. Que lhes importa a ellas, almas agora desligadas do seu involucro de carne, o horror que nos inspira, a nós, o sacrificio da carne?

Das outras victimas, das que ficaram, perderam umas na hecatombe simplesmente affectos, ao passo que

outras perderam, além de afectos, o amparo. Para as primeiras não ha na nossa bolsa recurso de nenhuma especie, porque se não vende amor em parte alguma; é para as ultimas, portanto, e para essas exclusivamente, no seu de certo limitado numero, que hão-de naturalmente convergir todas as nossas esmolas. Excluidos os orphãos que fôram já perfilhados, e que estão fóra do alcance da generosidade publica, de todos os modos inferior á generosidade de quem os adoptou, ficam talvez vinte familias. Poder-se-hia, portanto, garantir a cada uma d'ellas, com cem ou com duzentos contos, uma diaria seguramente superior á dos seus chefes respectivos, que pertenciam todos, como se sabe, ás classes menos remuneradas. De resto, aquelle capital podia até ser empregado n'alguma empreza util, ou no desenvolvimento d'alguma industria que ande para ahi a pedir chuva.

Mas nada d'isto se fará, affirma a pratica. E não havendo rasão para suppôr que a velha sabichona d'esta vez se engane, está explicado o motivo que nos leva a crêr que ha já dinheiro de mais.

Demonstrações de quanto essa convicção se tem generalizado temol-as nós de sobejo nos bandos precatorios, que vão degenerando em simples figuras de rhetorica, tendo aliás os primeiros produzido quantias importantes.

Familias honestas, com quem topamos na rua, grupos de benemeritos peregrinando pela bocca gentil de uma donzella que estende para nós a mão direita e empunha um saco na sinistra, é vêr que debandada já provocam. Escondem-se uns nas escadas, sumem-se outros pelas travessas...

Os proprios theatros teem rendido, nos beneficios, menos do que seria de esperar. Aqui, porém, acresce a circunstancia de que a ninguem apraz morrer torrado, nem mesmo a bem do proximo. As emprezas, com tal beneficia, fazem-se, é certo, *récime*, mas dão, realmente, idéa de um sojeito que, condoido pela sorte de meia duzia de sardinhas que viu assar, se propozesse bizarramente a assar mais meia duzia d'ellas.

E' incontestavel que o sarau promovido pela imprensa e a tourada, por exemplo, hão-de ser espectaculos concordissimos. Isso porém não provará que os espectadores tenham ainda desejos de avolumar o seu óbulo; o programma é tudo. A troco de um discurso de Pinheiro Chagas ou de uma sorte de Carlos Relvas, vale a pena exercer a caridade; o que não evita que os bemfeiteiros fiquem depois lastimando a applicação dos seus metaes, se por acaso a não reputam excellente.

Ora, verdade, verdade, para fazer como é costume, isto é, para distribuir em pequenas retribuições a este e áquelle, segundo cada qual se diz lesado, deixando no fim de contas em deposito uma quantia insuficiente para ocorrer a nova catastrophe, mas que apodrece á espera d'isso, graças a Deus, não serão porventura mal empiegados o ardor e a constancia com que se tem implorado o publico?

Tanto mais que, ao encontro do grande numero de esmolas que urgiam pelas necessidades de momento, correu imediatamente a Rainha que, em Portugal, é sempre n'estes casos a primeira.

E a mim, simples mortal obscuro, quer-me parecer que a Senhora P. Maria Pia manifestou aqui, mais uma vez, a energia e a generosidade, que naturalmente herdou de seus avós, e que a tornam, á nossa vista, uma creatura superior, digna de todos os respeitos e de todas as sympathias.

Energia e generosidade que se não prendem de nenhuma forma ao numero nem ao valor das esmolas que Sua Magestade distribuiu. Essas quantias, por maiores que sejam, são certamente inferiores á dignidade real

da bemfeitora; o que, porém, é grande, é o altruismo com que a rainha de Portugal abandona o seu palacio, onde ha conforto, para visitar choupanas onde ha miseria. E, no Porto, a que pungentes dramas assistira a filha de Victor Manuel! Em que tristissimos scenarios terá suspenso a vista quem, se quizesse, á mesma hora, poderia viver despreoccupada no seu palacio opulento, além de cujas paredes a boa vontade cortezã evitaria que chegasse o soluçar do povo!

Ao egoismo de que a historia accusa a maior parte dos principes, responde a Senhora D. Maria Pia manifestando-se menos egoista do que qualquer de nós. O que não quer dizer que a historia tenha mentido a respeito dos primeiros; sómente affirma que a Rainha de Portugal não é princeza apenas pelo nascimento, mas que o é tambem, principalmente, pela alma, e pelo amor, o que vale mais.

Pela minha parte, confesso que, embora dê gostosamente a minha esmola modesta, evitaria quanto possível pôr-me em contacto com as victimas, mutiladas umas, lacrimantes outras, miseraveis todas, d'aquella immensa catastrophe. E todo esse horrór deve impressionar tanto mais profundamente, quanto mais de alto se vem, quanto mais houver de se descer para chegar junto d'ele.

De resto, para medir com justiça toda a bondade da generosa Rainha, é necessario suppôr a commoção extraordinaria que o seu olhar e a sua voz hão-de forçosamente produzir no animo dos desgraçados. A esmola real é d'esse modo duplamente efficaz, porque dá lagrimas d'amor a quem já não vertia senão lagrimas de fel. Em quanto a pobre gente scisma n'aquelle facto estranho de ter no seu albergue recebido aquella que apenas uma ou outra vez tinha entrevisto em carruagens faustosas, e de quem se acreditava separado pela distancia infinita, em quanto no espirito lhe fulge essa visão doutrada, não ha espaço n'elle para os phantasmas sinistros da morte e da miseria.

Bem haja, pois, a princesa!

Lembro-me enfim de que não disse uma palavra sobre o martyrio do Golgotha.

Mas disse no anno passado.

De mais, é hoje sabbado, e estão os sinos repicando, ao mesnio tempo que eu me proponho ao silencio. Longe portanto a tristeza.

Alleluia!

E, a respeito de amendoas, temos conversado.

JOAQUIM LIMA.

SERENATA

O pallido luar mergulha curioso
Sobre o docel espesso e negro dos pinhaes.
Dormem tranquilamente as mattas virginas,
Onde se oculta um mundo alado, ruidoso.

O branco lyrio, o lago, o ninho silencioso,
O arbusto, a flor modesta, os grossos vegetaes
Parecem escutar os cantos divinaes
D'um rouxinol que geme a soluçar queixoso.

Não sei que maguas diz o triste, de mansinho,
Tão de manso que eu julgo haver ali um ninho
scondido com amor ao fundo da quebrada...

Ai! não... O trovador pousou talvez na matta
E geme assim de leve aquella serenata
Para não perturbar o sonno á minha amada.

LOPÓ TAVARES.

A PRIMEIRA POESIA DE CAMILLO

(Apontamentos para a biographia de Camillo Castello Branco)

No tomo 1º da collecção de poesias de Camillo Castello Branco, intitulada *Duas épocas da vida*, encontra-se uma composição que se denomina *Traição e vingança — A minha primeira poesia*.

Segundo o proprio testemunho de Camillo, quando n'esse assunto conversamos, ha poucos mezes, em Lisboa, não é essa, respeitando a ordem chronologica, a sua primeira poesia, embora seja essa a que, de todas as suas primeiras composições poeticas, elle considerou mais litteramente perfeita.

A primeira poesia de Camillo é, chronologicamente, a que se encontra no prologo do livro de versos *Ao anoitecer da vida*, escripto em 1862 e publicado em 1874.

Ainda que não houvesse a declaração cathegorica de Camillo, o sabor arcade da poesia que em seguida vamos publicar para logo denunciar a sua prioridade sobre a *Traição e vingança*, já pautada pelos processos da escola romantica.

Vejamos agora como o proprio auctor glosa, no tom humoristico que lhe é peculiar, a sua primeira inspiração amorosa.

«A minha primeira poesia!

«Quer o leitor desenfadar se a ler a minha primeira poesia?

«Que alegria a minha, quando, ha tres annos, depois de uma ausencia de deserto, voltei á aldeia onde me criei, e lá, entre os meus livros de infancia, encontrei a minha primeira poesia n'este papel amarellecido, que aqui me está espelhando a decrepidez da alma!

«Por esse tempo (1842) fui eu a uma romaria da Senhora Apparecida, duas leguas ao sul da mesma serra (do Mesio), na quebrada d'outra serra da mesma cordilheira.

«Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista, que era o mais atrevido imaginador de phantasias chulas. «Chulas» chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de tais festanças. Em outras partes da província dizem «ronda», e «esturdia» n'outras.

«Parada a ronda, como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moços, e a sobre-excellencia d'um clarinete que guinchava umas deliciosas variações, algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba, e grilharia de ferrinhos.

«A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, esteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazos para a rectaguarda; recolheu os musicos ao centro, e cobriu a frente com quatro espadaudos moços de pão frito. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os pãos; as rebeças iam soando pelos ares como harpas eólicas; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinete salvava-se no topo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insignie d'aquellos arredores, que sustentara desafio duas horas, amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordada que a deslombou. Parecia o dia de juizo!

«Devo à minha presença de espirito sahir illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa de vinho que os gladiadores respeitavam por não sei que prodigio instinto. Os pãos travados desensaihavam-se, quando, ao rossarem pela pipa, o taverniero lhes gritava aos cegos de ira:

—Rapazes! não me boteis a perder! Olhai que me abrides ao vinho!

«Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado, e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes sahiram moidos da festa, por se mette em a pregoar pazes.

«S.ivei-me, pois, encostado á pipa, onde me acolhi, depois de raciocinar friamente sobre as evoluções da tremenda batalha. D'aqui presenceei o triste espectaculo de dezenas de homens esmoucados, e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladarias, pedindo clamorosamente á Senhora Apparecida que tivesse mão d'aquellos homens que se matavam.

«Entre-lembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida: um d'estes era o zabumbeiro da ronda aggressiva, e outro era o violinista da minha, engenhosissima creatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quer dizer. Deus os tenha a ambos nos céros angelicos, já que o mundo não era digno d'elles.

«Applicada a desordem, agradeci mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado de pavilhão inglez (vem de seu ao pintar todas as comparações com ingleses, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos.

Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácerdos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da fregue-

zia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha de Italia, plumas escarlates, e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! Nô tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevera em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e sucedeua ser eu irmão de uma conhecida d'aquellas esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão, e fruta seca, tudo condimentado pelos sorrisos supra celestiaes de uma das duas moçotonas, que a estas horas... santo Deus! como isto é triste! devem ter netos e raros vestígios! aquelaq.p. ellas lustrosissimas perolas que lhes divinisavam o sorriso

«Ao lusco fusco, o vigario saiu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus conteraneos, caminhamos em direcção opposta para os nossos sitios.

«Estive largo espaço no tézo d'um oiteiro em que os olhos alcançavam por entre o já carregado crepusculo as brancas viões que transmontavam a colina proxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisivel do oiteiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horizonte, e na estrela vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração.

• E quer agora ver o leitor o que fazem lagrimas aos quinze annos? Vêja nas seguintes linhas a face irrisoria d'um primeiro amor. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metreficiar as minhas primeiras e parvoínhas innocencias, e admirem-se da mais sandia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigil-as, se quer!

• E chamei eu a isto

ODE

Se as tristes expressões do triste Alcino
Em versos dolorosos moduladas
Merecem de attenção um só momento,
Não recuzeis, Senhora, attenção dar-lhes:
Pois se a lyra é d'Alcino, o estro é vosso.

Sensiveis somos. Crimel acaso é crime
Affectos mil sentir no centro d'elles?
Tão fragil coração qual é o do homem
Não pecca, se do amor á mão se dobra.
Sentimentos gravados n'alma existem
Do nobre, do plebeu, quaes tem minh'alma.
Sensiveis todos são; nas temos todos
A' voz d'um só creador, do mesmo sopro.
D'esta doce cadea, inquebrantavel
Tambem teu peito, Elmena, um elo forma.
Estás tambem a leis equaes sujeita;
O mesmo astro, que influe na tua alma
Na minha influe e verte amor em fogo.

E é tão violento este imperio, que ata
Que vence os corações, que os funde e abrasa,
Quanto é sincero, Elmena, ó doce Elmena,
O impulso d'amor que me incendeia,
Nascido sim do amor; mas momentaneo
Qual o raio veloz que abrasa e foge.
Eu vi-te, Elmena, eu vi-te e ao ver-te subito,
Senti amargo fel juncto á doçura!
Um presente clarão me fulge á mente;
A nuvem do passado a mente obumbra!
Um funebre pervir me aterra e assombra!
Meus olhos te procuram, vagam, correm;
Mas lagrimas lhe assogam os raios d'alma.
Meus labios, presumidos, se esforçam
Na exposição da vacillante ideia;
Mas á dor cordeal sossobram labios!
Meus olhos outra vez a ti se inclinam,
E convulsos d' dor não vêem teus olhos.
Teus fugitivos passos sigo attento...
Eis-me ainda outra vez, contigo, Elmena!
Um penoso pudor me estorva as vozes...
Nem ao menos teu nome ouso pedir-te...
Para em meu coração, sacrario d'elle,
Perpetuo altar, perpetuo culto dar-lhe!

Pouco depois, em vão te vou buscando...
Segues a extrema do caminho opposto;
A outra eu sigo... inda tres vezes olho;
Mas já não vejo quem a paz me rouba!
Adeus! aí para sempre, adeus, Elmena!
Cá fica Alcino, succumbindo á magua!
Se algum dia, esta carta, acaso, vires,
Talvez que sintas commoções de pena:
Talvez te lembre de que viste, um dia,

N'uma romage incognito mancebo
Que, constante, fitou seu rosto bello.
.....
Mas deixa, ó alma triste, a magoa, o pranto!
Um momento recobra d'alegria
Enquanto a parca a fatal foice afia!
Recobra de descanço um só momento;
Não lamentes um bem, que vai perdido;
Pois mais do mal se agrava o sentimento.
Quando cumpre fallar do mal sentido!

«Riram-se?
«Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatorio no coração. Muita lagrima chorei n'aquelle meus quatorze anos!»

«Subia eu à crista d'um oiteiro, d'onde se avistavam umas como nevoas de fumo, a duas grandes leguas de distancia. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbiterio do tio, e a guarida das avesinhos, que a viam, e lhe anunciavam a madrugada. Do oiteiro eu descia ao intardecer, chorando, e esguitando na traça de lhe mandar a minha ode.

«De ninguem flava a remessa, ou ninguem se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneiam-me, e os mais sisudos mandavam me jogar o peão, ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira.

«Poucas semanas volvidas, sahi d'aquelle terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, pregador de fama, e bom velho sobre tudo, o padre Manoel da Lixa.

«Como eu, saudoso das montanhas que deixára, continuasse a escrever odes, e a declamar-as aos condiscípulos, o velho latinista quiz ouvir-m'as, e, com tanta generosidade o fez, que mordia o beiço para disfarçar o riso. D'estas almas é que já não ha!»

«N'aquelle terra andavam ás más dois irmãos de fidalga prosapia, á conta do casamento desigual que um d'elles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados á conta de me não lembrar que antecedencias mui ageitadas á galhofa metrifica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero! Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com minha opinião em casamento tão fallado nas vinte aldeias circunpostas!

«Escrevi uma folha de almoço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do advogado, lia a satyra à populaça, que ria ás escancaras.

«E eu do lado a rever-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

«Por um cabello que não fui então martyr do genio! A vítima crucificada na porta da egreja não era das que dizem: «Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!» Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que também o boticario em paz. Poeta era eusó n'aquelle quadrado de dez leguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo de detracção inimiga.

«O padre mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o *magnus lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que me aquella terra ingrata queria comer.

«Ah! está ingenuamente escripta a historia das miuhas primeiras poesias de mais tomo: a *ode* e a *satyra*.

(Ao anoitecer da vida)

ALBERTO PIMENTEL.

COMEDIA DO AMOR

POR
AMERICO PESTANA

Eis o titulo de um livro que me foi agora obsequiosamente remetido do Porto. Papel e typo excellentes, edição nitida—356 paginas.

Comedia do Amor!... Tive um dia esse pensamento que exprimi n'estes maus versos:

Amor, barata feira!
Se não se faz negocio,
Não ha melhor maneira
De encher as horas do ocio.

Consta de algumas confidencias, versos e pequenos contos, narrados singelamente, sem nenhuma pretenção, como se diz. Vê-se que o auctor tem mais experientia da vida do que da pena, e tem lido mais e com mais attenção no livro aberto da existencia do que nos volumes arrumados com enfado nas estantes das bibliothecas. A *Comedia do Amor* é, pois, uma estreia, e esta circumstancia está de per si aconselhando a critica a ser benevolente, sem deixar de ser justa.

Abrindo o livro ao acaso, deparei logo com este pensamento, que deve considerar-se uma maxima:

«Quando já não ha nada a salvar do amor, é preciso entao ainda salvar o amor proprio e os sentimentos da delicadeza.»

Mais adeante um dito feliz, a propósito das alcunhas que os guardas-marinhos inventam nos seus alojamentos: — «alcunha da praça de armas algumas vezes mata a sua victim: um certo capitão de mar e guerra que nenhuma força humana fazia embarcar, e que era o homem mais pacifico d'este mundo, foi fulminado pela alcunha de capitão de paz e terra.»

Agora estas quadras pittorescas:

Foi por terra a S. Martinho,
E foi parar à Nazareth.
Quem quiser que a rosa brilhe
Ponha lhe o cravo ao pé.

Farilhão é barco de ouro,
Estella, barco de prata,
A Berlenga, nau de guerra,
Onde o meu amor embarca.

Cantigas de pescadores de Peniche.

A propósito de Peniche, escreveu o sr. Pestana algumas formosas paginas, que, de certo, não vou transcrever aqui, nem é preciso, porque d'ellas pode o leitor muito bem fazer idéa pelos seguintes periodos:

«Ao longe, na frente, a linha unida do horizonte interrompida de vez em quando pela sombra de um vapor ou de um raro navio de vela, fazendo caminho Norte-Sul. Sabendo de Peniche de baixo cahiques e canhões com os seus bastardos em cima e dobrando o cabo Carvoeiro afim de irem ao encontro do pescado na Meia-Via, entre os dois pharoes da Berlenga e do Cabo, postados como sentinelas, o primeiro com o seu pedestal de 365 pés e alcance de 25 milhas e o segundo com uma altura de 182 pés, comprehendendo a torre. Pela rectaguarda e sobre a linha de areia que liga Peniche ao continente, com a apparencia de um regimento de granadeiros gigantes, uma companhia de enormes rochedos, onde deveria collocar-se a estatua de Nossa Senhora dos Navegantes.»

Isso tudo, apanhado de relance, fez me vontade de ler o livro, e então observei que elle constava, como já disse, de confidencias, alguns versos e pequenos contos.

Uma d'essas confidencias (ou cascos em forma de confidencia) é referente à já sediça questão da rehabilitação da mulher perdida, em que o auctor não crê, e n'isto me parece que dá a medida do seu bom senso: — «O meu intento — diz elle — era isolal-a do mundo em que vivera, restaurar a sua virtude por meio de uma especie de rigorosa quarentena moral e pela applicação da dietas e formulas espirituais, que tudo lhe fornecia pelo modo que me pareceu mais proprio para ella.» A mulher tinha por habito cantar esta trova:

A mulher é cata-vento;
Ella co'os ventos varia;
Seu amor dura um momento:
Tolo o que n'ella se fla!

E quando o homem lhe reprovara a sua volubilidade, respondia com o primeiro e o segundo versos. Se a interrogava sobre os seus sentimentos, a resposta era o terceiro verso. E por isso conclue o auctor:

— «Decididamente, ella quasi o confessava, eu merecia com justiça a designação do ultimo verso da quadra.»

O vicio tem um largo quinhão na *Comedia do amor*, e o auctor cita até estas expressões de Coppée:

«La débauche a donc mis dans mon âme de fange un virus éternel.»

Mas o treudo enleio causado pelo convivio de certas mulheres que arrancam dos labios inspirados dos poetas essas expressões desoladoras, foi amargamente descripto pelo nosso Bocage em versos immortaes:

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos da venal ternura:



FRANCISCO DE OLIVEIRA CHAMIZO



DR. VAN-DER-LAAN

Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?
Quem tão cégo me poz?... Ah! Foi meu fado,
Que tanto não podia a natureza.

Pertencê o livro d' sr. Pestana á eschola realista, e os mais exaltados sequazes d'esta nova seita teem ali muito com que regalar o seu paladar litterario, desde as febricitantes viravoltas de um rapaz solteiro, que está na cama a sonhar accordado com as delicias do paraizo de Mafoma até a estupenda revelação de um pharmaceutico em quem o palpitar do coração era invariavelmente seguido de dilatações do sphincter: «Que quer vossa, amigo, sempre que se me fecha o coração sobre um segredo de amor abre-se-me o sphincter...» — O auctor escreve com toda essa sem-cerimonia, porque não vê deante da sua escrevaninha de bordo o respeitável publico, mas sim, abonando-se com a auctoridade de Góethe no primeiro prol. go do *Fausto*, uma multidão grosseira.

E, se nos seus esboços realistas ha um traço justo e vigoroso, é sem duvida esse. Ao publico de hoje já um romancista contemporaneo tinha chamado multidão, e com aquelle adjectivo ficou agora a expressão completa.

As folhas da *Comedia do Amor*, em que avultam as tristes realidades da vida não são as que me agradam mais, mas é fôra de duvida que teem a seu favor a moda. Não desconheço, todavia, que algumas paginas escriptas n'esse tom se leem com certo prazer. Está bem descripto por exemplo: o *odore di femmina* que sentiu Paulo ao entrar no quarto da prima:

«Um dia, passando pelo quarto de ella, Paulo viu sobre uma cadeira uma meia que com toda a certeza lhe pertencia, uma meia suja. Paulo foi tomado por uma grande curiosidade, a que não pôde resistir, de lhe pegar. Considerou como sua prima sujava pouco a roupa: a meia tinha apenas uma pequena macula amarellada no calcanhar. Então de todo o quarto sentiu levantar-se um cheiro carnal de muher de quinze annos e virgem, um cheiro que lhe alvorocou o sangue e que lhe deu, agora que se achava no quarto de ella, o desejo de se aventurar entre as cousas que lhe pertenciam, descobrir os segredos de debaixo e de cima da cama, as revelações do ultimo vestido de campo, as confidencias do pente e da escova do cabello.»

Ha ahi só talvez que notar uma cousa: — é que debaixo da cama não estavam naturalmente vasos de jasmins e de violetas. Mas o falar d'aquelles segredos (antigamente não se chamavam assim) é uma exigencia de eschola; tanto mais que os taes segredos tiveram preferencia a tudo o mais.

E' minha opinião que ao sr. Americo Pestana corre mais elegantemente a pena nas descripções de logares que, por qualquer motivo, lhe deixaram uma impressão forte, de que nos contos realistas, que enchem a mór parte do seu livro. E agora, em que tanto se fala e se escreve sobre as nossas possessões ultramarinas, persuado-me que os leitores hão de apreciar muito este quadro de Moçambique, que devemos reputar fiel, por ter o grande merecimento de ser feito *d'après nature*:

«Eram dez horas da manhã e estava um dia esplendido. Um azul de céo tropical. O sol, já muito alto, queimava, e a sua luz, cahindo a jorros, faiscava em todos os objectos. Fazia-se por toda a parte uma reverberação que cegava. Do lado do continente o horizonte monotonio onde a verdura do mangal dava allivio à vista, só interrompido pelos dois pontos notaveis, marcas dos navegantes, as montanhas que se chamam em virtude da sua configuração o Pão, a Mesa.

«Desde a ponte da Cabeceira até a ponta de Sancul, ao sul do porto, perdiam-se as povoações da Cabaceira pequena, Cabaceira grande e Mussoril entre palmares viridentes, encostados d'um lado á areia da praia e do outro á espessa vegetação do matto. D'espaço a espaço uma columna de fumo, subindo na atmosphera nitida, enovelando-se, trepando, attenuando-se e accusando uma queimada ou uma fogueira distantes.

«Do lado da ilha uma resumida faxa rasa, sem accidentes; um areal onde a vegetação difficilmente medra e onde o chão firme é o banco de coral em que assenta a areia e que constitue o pedestal da cidade. Da banda do norte a respeitável fortaleza contemporanea da grande era das nossas navegações, toda construida de pedra conduzida da metropole, se é verdadeira a tradição; depois o oasis do campo de S. Sebastião, e em seguida o agglomerado das casas da cidade, todo n'un plano, onde sobrelevam a casa do governador, a alfandega, as ruinas da sé velha, os telheiros do arsenal, a praia do saleiro e, muito longe, perdido entre palmeiras distantes, o vulto meio escondido do hospital novo. Casas em que o telhado é substituído por um terraço que recebe as aguas das chuvas e as envia para as profundas e vastas cisternas, que tem cada habitação, e o amarellido monotonio de todas as edificações são o caracteristico da cidade; as casas tem um ar massiço e grandioso que fez com que os ingleses chamassem a Moçambique a ilha dos palacios. Respira-se o que quer que é que nos faz pensar n'uma cidade oriental, que define a cidade como uma escala das antigas navegações para o oriente misterioso e hieratico, e que establece o seu parentesco com a

visinha Zanzibar, igualmente habitada por numerosos colonos da India, e onde, como em Moçambique, só a cultura indicia e islamita tem accesso.

• Um mar soberbo e calmo povoado por uma basta população de tubarões. Uma verdadeira flotilha de pangaios, esses barcos de forma caprichosa, com a sua popa arrendada, com os seus mastros tombados para vante, o seu alteroso tombadilho, o seu apparelho de cairo de uma simplicidade primitiva, cuja archiectura deve ser contemporanea das gloriosas epochas das nossas navegações. Dongos, troncos escavados ou embarcações feitas de cascas de arvore cosidas com uma fibra vegetal, representando o que ha de mais primitivo em archiectura naval e tripulados apenas por um ou dois indigenas, sulcam o porto em varias direcções.»

Tenho dito com franqueza as impressões que me causou a leitura da *Comedia do Amor*. Agora, para acabar, respiguemos algumas quadras, rescententes a mais fragrante poesia popular, que o auctor intercalou nas paginas realistas do seu livro.

Pedrinhas d'esta calçada,
Levantai-vos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Que de dia bem o sei.

Quem quer bem dorme na rua
A' porta do seu amor;
Das pedras faz cabeceira,
Das estrelas coberto.

O cabello de Maria
Anda no mar a nadar,
Ai! quem fôra pente de ouro,
Que lh'o fôra pentear!

A folha da oliveira,
Quando cae ao lume, estala;
Assim é meu coração
Se o meu amor me não fala.

ALBERTO TELLES.

A ESMOLA DA CREANÇA

(Imitada da prosa ingleza de madame Emma de K....)

Tu nunca viste, creança,
Trocá o gôzo p'la esmola,
Nem o prazer que exprimenta
Quem a pobreza consola?

Pois vaes saber n'este conto,
N'esta bonita novela,
Como serviu de sustento
Simples brinquedo:—uma péla!—

* * *

'Inda não ha tres semanas,
A' mãe fallava em segredo,
Gustavo, linda creança,
Pedindo, alegre, um brinquedo.

A mãe, que nunca soubera
Aos bons o premio negar,
Deu-lhe a sorrir o dinheiro
Com que o brinquedo comprar.

N'isto, a creança, contente,
Depois da mãe ter beijado,
Sae, pelo servo, seguida,
Em busca do desejado.

O INCENDIO DO THEATRO BAQUET



(Fachada da rua de Santo Antônio durante o incêndio)



(Fachada da rua Sá de Bandeira durante o incêndio)



(Ruínas da fachada da rua de Sá da Bandeira)

Ao ver passar junto a si,
N'um galopar desabrido,
Amestrado cavalleiro,
Inda novo e bem par'cido,

Pergunta ao velho creado
Quem era o tal cavalleiro,
E poude logo saber
Que tinha muito dinheiro!

• Quem me déra em seu logar! •
(Diz a creança a sorrir)
• Cavallos, carros, boisinhos
• Podia então adquirir! •

E, quando assim desejava
D'esce feliz o gozar,
Vê junto a si um rotinho...
Um pôbresito a chorar.

• Porque choras, rapazinho?
• Perdeste o pae, infeliz? •
• Ou não podéste sustar
• Nas tuas mãos a perdiz? •

• E' bem diff'rent o meu mal.
(Responde em pranto o coitado)
• Um cavalleiro imprudente,
• De Villa Velha morgado,

• Fez-me cahir e perder
• O leite p'ra minha mãe,
• Havido co' o meu trabalho
• N'aquellas terras d'além!

• O leite, pobre sustento
• De minha mãe, coitadinha,
• Que pelas Neves já fez
• Tres annos de doentinha! •

(Falla de novo a creança)
• Mas dize cá rapazinho:
• O morgado cavalleiro
• Não soube encher-te o bolsinho? •

• Isso sim, ninguem soccorre,
(Volta o rapaz a chorar)
• Sómente lança dinheiro
• P'ra nos ver em brigas andar!

• N'essa lucta encarniçada,
• N'essa força desegual,
• Em que nós, os pobresinhos,
• Disputamos o metal!

• N'ella sim, dispende libras...
• Prata e cobre, de bom grado;
• Mas soccorrer o faminto...
• Isso, p'ra elle, é peccado! •

• Oh, meu Deus! e qu'ria eu ser
• Como aquelle cavalleiro!...
• Isso não; olha, infeliz:
(Toma Gustavo o dinheiro.)

• Aqui tens esta pratinha
• E vae te alegrar com ella;
• Eu desde já renuncio
• A compra da minha péla. •

* * *

Voltaram ambos contentes.
Oh, que soberba lição!
Sau da péla o sustento
P'r os pobresinhos sem pão!

A. MARINHO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Mortos illustres

MIGUEL PAES—FRANCISCO DE OLIVEIRA CHAMIÇO—
DR. VAN-DER LAAN

A todos tres a morte arrebatou na semana que acaba de findar.

Miguel Paes era um engenheiro distintissimo, que honrava a sua classe pelo seu talento e pela sua illustração.

Occupando durante os ultimos annos um alto posto na direcção das linhas ferreas do sul e sueste, todos sabem com quanta energia, solicitude e intelligencia, elle se occupava dos interesses da administração technica a seu cargo, melhorando constantemente o material e as officinas, de modo que podesse honrar o trabalho artistico oficial.

Miguel Paes era dotado de bastantes aptidões artisticas, e a musica devia-lhe affectos especiaes; o distinto engenheiro cultivou esta arte com amor em varias composições graciosas e elegantes, que ainda hoje alegram os ocios da mocidade em alguns dos nossos salões.

Publicou tambem dois volumes em que reunio os importantes trabalhos sobre os melhoramentos de Lisboa e seu porto, publicados em folhetins no *Diario de Noticias*, além de muitas memorias relativas ao mesmo assumpto.

O distinto engenheiro assentou praça em caçadores, em 1842, tendo 17 annos de edade; foi promovido a alferes em 1851, a tenente em 1857, a capitão em 1868, e a major em 1881. Era cavalleiro de Aviz.

Era do engenheiro Miguel Paes a idéa de ligar as duas margens do Tejo por uma grande ponte em frente de Lisboa, o que, cremos, um dia se realizará.

O conselheiro Francisco de Oliveira Chamiço, cuja morte produziu uma dolorosa impressão no mundo da alta finanças, foi fundador e governador do Banco Nacional Ultramarino.

Era um homem fin, prestante, caritativo e muito intelligente.

Existe ha dois annos, nas Caldas da Rainha, um hospital para leprosos, construido e mobilado pela sua poderosa iniciativa.

Com uma caridade infatigavel, o sr. Chamiço promovia, todos os annos, festas e concertos no club das Caldas, sendo o produto applicado á fundação d'aquelle hospital.

Na exposição de Auvers, onde era delegado nosso, distinguiu-se notavelmente o sr. Francisco Chamiço fallando por varias vezes, sempre com um grande bom senso e um exemplar patriotismo.

El-Rei premiara em tempo os seus meritos e os seus serviços, agraciando-o com a gran-cruz de Nossa Senhora da Conceição.

O dr. Van-der-Laan era um distinto especialista de doenças de olhos, que Lisboa inteira conhecia. O illustre medico estabeleceria a sua residencia n'esta capital, ha muitos annos, para onde viera procurando o nosso clima temperado, a conselho dos professores da Universidade, onde fez o seu curso com grande distincção.

Van-der-Laan era de compleição fraquissima, e não poderia resistir aos frios do norte.

Aqui mesmo, se a sua vida se prolongou durante annos, foi isso devido aos mil cuidados hygienicos a que se entregava.

Van-der-Laan estabeleceria um consultorio de molestias de olhos no largo do Pelcurinho, onde os pobres recebiam tratamento de graça.

Esse consultorio gosava de grande fama, e das provincias vinha muita gente abastada tratar-se com o notavel especialista.

Foi um dos fundadores e directores do Jardim zoológico.

Tinha verdadeira paixão pela ornithologia. O seu aviario a Santa Izabel, foi sem duvida o mais vasto e variado que houve em Portugal. Muitas das aves do jardim zoologico sahiram d'esse aviario.

Van-der-Laan, apesar de muito activo e ilustrado, não conseguiu nem a felicidade, nem a riqueza. Viveu sempre infeliz, e morreu pobre.

O INCENDIO DO THEATRO BAQUET

Fachadas da rua de Santo Antonio, e da rua de Sá da Bandeira, durante o incendio—Ruinas da fachada da rua de Sá da Bandeira
—O actor Firmino

Demos, no nosso ultimo, em gravura, a fachada principal do teatro Baquet antes do incendio: hoje, damos tres novas gravuras representando as ruinas d'aquellea mesma fachada, e ambas as fachadas do edificio, durante o fogo.

Publicamos tambem, na ultima pagina, o retrato do actor Firmino. O infeliz artista fazia beneficio na noite em que o teatro ardeu. Morreram lhe quatro pessoas de familia na catastrophe, incluindo uma filhinha. Perdeu tudo o que tinha no teatro, ate mesmo o o producto do beneficio.

Um desgraçado.

MODAS

1.º—Vestido de cambraia. Corpete tunica, abrindo no peito e costas em quadrado, sobre outro corpinho de renda. Mangas compridas e justas. Cinto de seda, atado ao lado com laçadas e pontas compridas. Saia redonda armada em pregas, guarneida com dois entremeios de renda. Touquinha de cambraia de seda, coberta com um grande véo da mesma fazenda.

2.º—Vestido de cambraia. Carpete com dois bicos, abrindo no peito sobre uma camisinha bordada e afogado nas costas. Mangas compridas, com canhões bordados. Saia redonda e pregueada, tendo a um lado uma quilha de meiré. Guarnecem a saia, acima da guarda piza, seis ordens de cordão de seda branco. Touquinha de cambraia de seda, enfeitada com laçadas de fita e longo véo de cambraia de seda.

SYLVA DENTELLE.

ARSENAL DE VENEZA

Publicamos hoje uma estampa representativa do arsenal da cidade dos doges, tal como era no tempo em que Napoleão, senhor da Italia e de Veneza, derrubou a constituição d'aquellea republica. Um edificio grandioso e magnifico.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Esta mulher prende esta divindade—2—1
Rio na rocha e na Fabula—1—1
O pronome é parente d'esta deusa—1—2
Esta nota na musica é parente d'um deus—1—2
A favor d'este homem nos livros—1—1
Rio, animal e deusa—1—2
O unico verbo é Deus—1—1

J. L. PERPETUA.

* *
Patriarchal é minha irmã nos mezes—1—2

SILLAG.

(Retribuição a Dominó Branco)

Cidade da Palestina,
De Vichnou encarnação;
A sombra d'ella, tamdem,
Já gosei muito no v'rão.—2

Não se vê esta final
Como um cabrito a saltar;
Mas é certo que na dança
Teve sempre o seu logar.—1
E' no calendario turco
Um mez igual a setembro;
Outras coisas ainda diz
Das quais, por fim, não me lembro.

Vizeu.

PEQUENO ANTENHO.

Logogripho

Cidade—4—5—6—10—4—5—9—5
Cidade—1—5—3—5—6—5
Rio—5—6—5—4—10—8—5—4
Cidade—6—5—4—4—5
Cidade—3—7—6—2—5
Rio—4—7—8—3—5
Cidade—5—3—3—5
Cidade—1—10—3—4
Rio—5—8—8—5
Cidade—5—4—9—2
Cidade—3—10—3—5

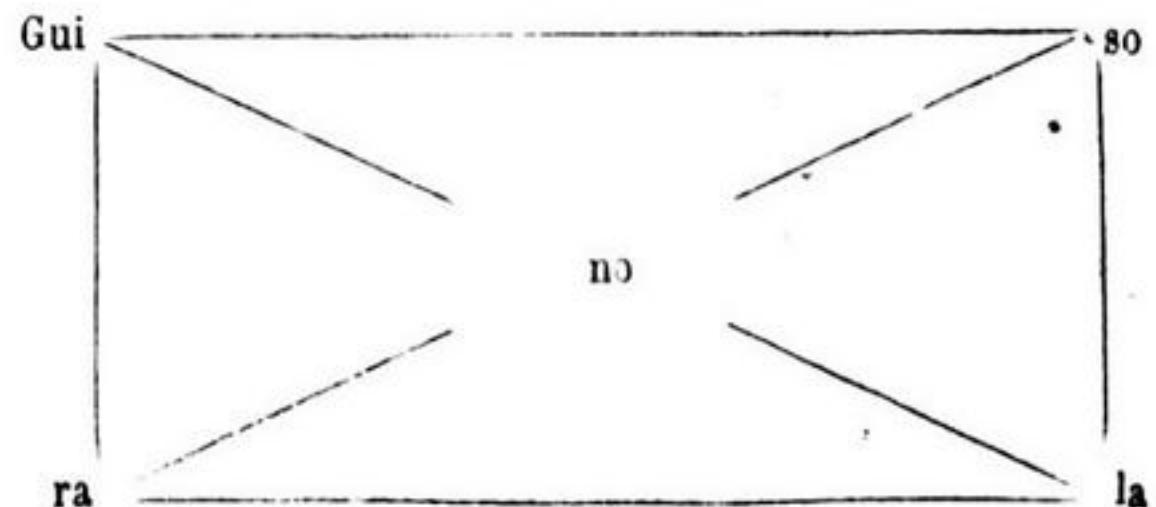
Quereis o conceito
Sem custar ad'vinhar?
E' coisa tão leve...
Mais leve que o ar.

Braga.

COSTA SEIMAS.

Decifrações

DAS CH. R. DAS :—Canhonada



Do ENIGMA:—Ruga.

UM CONSELHO POR SEMANA

Evita-se a queda do cabello, fazendo uso d'este preparado:

Sulfato de quina.....	8 gr.
Balsamo do Perú.....	4 "
Oleo de amendoa amarga	40 "
Tutano de boi preparado	120 "

Ou d'este:

Rhum.....	10 gr.
Vinho branco.....	40 "
Decocção de cevada	10 "

E' claro que, quem fôr completamente calvo, não está ao abrigo da efficacia da receita.
Em todo o caso, experimente.

A RIR

Entre bohemios:

— E' incrivel o numero de pessoas teimosas! Queres tu saber? Ha um sujeito, que ha inenso tempo tem em seu poder um casaco meu, completamente novo, e não encontro meio de fazer com que elle m'o restitua.

— Quem é?

— O meu alfaiate!



MODAS

—Calino sobe para um wagon de segunda classe.
Só ha um logar vago de cada lado.
Calino assenta-se e acha-se um pouco incomodado.
—Com os demonios, como eu sou tolo! exclama elle depois d'um momento de reflexão. Somos quatro d'este lado, e no outro banco são apenas tres.
E, rapidamente, passa para o outro logar em frente.

*

Exclamação d'um marido casado com uma mulher muito magra, depois de ter lido sobre a tampa d'uma caixa de phosphoros: *inflammareis por fricção*:

—Exactamente como minha mulher!

THEORIAS

(De A. Karr)

Ha no theatro e nos livros umas convenções que restringem singularmente o numero das combinações dramaticas e literarias, diminuindo n'uma proporção inquietadora a serie de coisas verdadeiras, uma serie de coisas verdadeiras cuja reprodução é deseja ao escriptor.

Assim, no theatro,—podem escolher aquelle onde reinar mais liberdade, o auctor pôde oferecer-nos em spectaculo criaturas quasi nuas e fazer-nos ouvir equivocações de mau gosto; mas o que elle se não atreverá a declarar é que as ta's criaturas ligeiramente vestidas não são requestadas para bom fim; o publico daria por paus e por pedras se no final da peça elles não fossem pudibunda e correctamente desposadas.

O adulterio só é tolerado quando os personageus exprimem os seus sentimentos peccaminosos fazendo uma breve pausa de cada vez que pronunciam seis syllabas, e outra maior quando pronunciam doze. Além d'isto é absolutamente necessário que os votos deshonestos se manifestem por meio de phrases em que, de doze em doze syllabas, as palavras hostis ao pudor terminem pelas tres mesmas letras que a ultima das doze precedentes syllabas criminosas.

O que quer dizer que a Phedra, em prosa e com outro nome que não fosse o de tragedia, excitaria a indignação do publico.

Nos livros ha mais alguma liberdade, exigindo-se t' davia que o escriptor observe e reproduza coisas reaes e vivas, e que só escolha circumstancias de uma certa natureza,—isto é,—que se obrigue gratuitamente a desprezar quadros e scenas que lhe estão ferindo os olhos diariamente.

O adulterio é admittido nos livros,—uma mulher casada pôde ter um amante,—uma mulher não casada,—de ordinario exige-se que seja viuva,—pôde ter um amante e enganal-o com outro.

Pôde-se buscar e tirar d'estas duas situações todas as combinações possiveis.

Mas ha uma outra situação muito mais que commum na vida ordinaria, e que, todavia, não é admittida nos livros. Olhe cada qual em seu torno: não ha ninguem que não tenha, no circulo dos seus conhecimentos, uma mulher que, enganando o marido com um amante, engane igualmente este com outro, isto é, que pratique o adulterio por partidas ou «por si res dobradas»,—«flore pleno»—como dizem os horticultores.

Succede não raro que um amante demasiadamente seguro da posse do «objecto amado» se deixa deslizar no declive suavemente escorregadio do habito, vai substituindo gradualmente o marido, que se eclipsa afim de ir prestar culto a outro idolo,—e acaba afinal por succeder-lhe em todas as minudencias conjugaes.

Esse tal converte-se pouco e pouco em marido, n'um segundo marido, n'um outro marido; mas, em todo o caso, n'um marido. N'estas circumstancias esquece-se que o papel do amante differe muito do esposo, que não deve substituir este ultimo, mas completal-o;—que deve acompanhar ou pelo menos seguir a mulher nas suas phantasias extra conjugaes; que a não deve estorvar, nem refreiar, nem moderar; que não deve amal-a, u as adora-la e sobre tudo divertil-a.

A falta de saber estas coisas o sujeito faz da sua ligação, a principio criminosa, uma coisa que acaba por ser tolerada, admittida, reconheci la pela sociedade, uma ligação honesta, estimavel; torna-se como que o marido de uma mulher viuva de um esposo vivo;—faz observações, economias—torna se familiar, ralha, reprova, prohíbe, obsta, embaraça;—n'uma palavra, sem dar por isso, abandona insensivelmente o papel de amante e deixa vagos um logar e um empr'go que são em breve preenchidos.

O coração feminino é uma viscera que, à similaridade da natureza, tem horror ao vacuo; o primeiro marido não entra na escala, o primeiro amante passa a marido por antiguidade; e é, não o substituido como eu ha pouco dizia, mas completado por um aspirante à selecção da dona.

CASTOR,

A HORA TRAGICA

EM QUINTA FEIRA MAIOR

Envolver-se-hão amanhã em luctuosos crepes os altares dos templos, dominados pela cruz negra que symboliza a Paixão do homem, divinisada pelo holocausto de um justo; resoarão ao longo das sonoras naves das egrejas, juncadas de rosmaninho e impregnadas de incenso, as soluçantes prophecias dos videntes de Jerusalém, as elegiacas lamentações de Jérémias, synthese de todas as humanas tribulações n'este duro destierro da terra, segundo a phrase de Thereza de Jesus.

E nunca a voz gemebunda dos psalmos, evocando ante o nosso olhar conturbado a pallida e sangrenta figura do Christo pendente dos braços da cruz, nunca a dilacerante eloquencia d'esses threnos, gotejantes de lagrimas, vibrarão como agora tão profundamente no mais intimo de nosso ser.

E' porque a dor impõe-se-nos n'este momento com uma autoridade flagelante, e porque a angustia d'esta hora tragic exerce sobre nós todos a sua attracção, absorvente, é porque iniciados no sofrimento proveniente de uma desgraça de familia, aterrados p'la allucinante visão de uma catastrophe pungentissima, o nosso coração enlutado volta-se para o céo, como as parietarias que florescem nas ruinas se voltam para a luz do sol.

Vibrando de uma impressão esmagadora, feridos por uma desdita irremediavel, tendo no ouvido o estertor dos agonisantes, os soluções dos sobreviventes, o clamor dos orphãos, a nossa alma acha-se como que preparada, bem melhor do que pe'as confissões e pelos jejuns, para communigar n'essa grande eucharistia dolorosa, que a eleva e purifica, que a arranca ás miseras preocupações da terra para depôr a, contricta e lacrimosa, no seio da oração.

A palavra da egreja, commemorando a angustiosa tragedia do calvario, tem hoje uma nova eloquencia e é como que o balsamo mysterioso que vem dulcificar-nos o esphacelado coração, ensinando-nos a padecer resignadamente, a aceitar sem protestos impios a inflexivel lei que prezide á vida humana, em obediencia á qual soffreu um justo e morreu um Deus.

Mas se o christianismo nos impõe a resignação, como um dos seus preceitos fundamentaes, a humanidade exige-nos, em memoria dos nossos irmãos victimados, que nos revoltemos contra a criminosa incuria dos que, impunemente, consentiram que houvesse dentro de um theatro um tumulo!

E' precisamente essa tremenda antithese que faz surgir a morte, com todos os seus pavores, de uma das alegres irradiações da vida, é o medonho contraste que resulta do aspecto dos cadaveres, onde o ultimo sorriso provocado pelo prazer do spectaculo fica estereotypado no *rictus tragicus* da primeira convulsão da agonia; é essa hybrida e confusa identificação do elemento comico acabado de evidenciar no palco, com o elemento funebre, aparecendo inesperadamente, e mudando as gargalhadas em gemidos e transformando a festa, á qual os forçados da existencia fôram pedir um instante de treguas ás suas magras, uma ficção embora ephemera, para illuminar o seu escuro caminho, em uma hecatombe; é esta estranha juncção da vida com a morte, no fatal momento em que ninguem se lembra da morte, suponde a longe, entregue á sua sinistra tarefa de espiar os doentes, de percorrer os hospitaes, de esvoaçar em torno dos phisicos, dos velhos curvados para a terra e das loiras creancinhas, acabadas de nascer, que teem saudades do céo; é essa pungente ironia do destino que instiga a *barregā*, como lhe chamou Baudelaire, a recordar-se dos que a esquecem, a comparecer nos logares defesos ao seu dominio, deleitando-se ahí, insaciavel Ugolino, no *fiero pasto*, cevando-se na carne tenra dos sadios, no sangue generoso dos moços, dos felizes, dos amados.

E' tudo isso que se gravou indelevelmente no meu espirito assombrado, mas a que eu intento em vão dar uma forma synthetica, susceptivel de resumir, em um determinado aspecto, as complexas dimensões de um quadro dantesco; é ante a desoladora realidade que cobriu de um luto eterno tantas familias, que arroujou ás rubras labaredas tantos martyres, que despenhou nos horrores da miseria tantos orphãos, que a minha voz protesta indignada, e que eu pergunto ao egoismo dos emprezarios, à ignorancia dos edis, a quem incumbe a superintendencia dos theatros, à indifferença dos poderes publicos, a que estão soberdinadas as autoridades locaes, à cobardia dos bombeiros que desertaram do seu posto, abandonando no fundo da cratera esses que o seu duplo dever de humanitarios e de profissionaes lhe impunha que disputassem ás chamas á custa embora da propria vida; é a todos esses réos de Iesa humanidade, que eu pergunto:—Caim, que fizeste de teu irmão?

Objectar-me-hão, talvez, os que para tudo acham attenuantes e que, desde as modernas conclusões da criminalidade pathologica, que indulta os assassinos, cobrindo os com a responsabilidade

de larvados, estão sempre do lado dos réos; dir-me-hão por ventura esses singulares optimistas do mal, que os sangrentos efeitos do fogo do theatro Baquet são tanto da competencia das auctoridades, que descuram a vigilancia das casas de espectaculo, das emprezas que as dirigem, como dos incautos espectadores que as frequentam.

Responder-lhes-hei, poré n, que a responsabilidade, seja qual for a sua amplitude, sempre mais ou menos discricionaria, pertence aos governantes e nunca aos governados. Estes deixam-se inconscientemente arrastar pelo contagio do exemplo, ou pelas tendencias annexas aos seus gostos e predilecções, sem attentarem na eminencia do perigo, seja elle visivel e inevitavel, como era o do theatro Baquet.

Cumpre aos que, na collectividade multidão, constituem a cabeça, que pensa, e o braço que dirige, cumpri-los a elles guiar os seus tutelados, desviando-os brandamente ou autoritarimente, se tanto for preciso, do abysso que se lhe abre aos pés e para o qual os loucos correm, na cegueira, na indifferença ou na ignorancia que caracterisam as massas.

Além de que, se falta ao povo portuguez o que sobeja aos outros povos de todos os paizes civilizados, a infinitade de divertimentos acesseis aos menos abastados, passeios publicos, kermesses, parques de recreio, bailes à la belle étoile, etc., como é que julgam possivel suprimir-lhe o unico que lhe resta e que exerce sobre elle a irresistivel fascinação, a especie de ebriedade que o theatro encerra para todos nós, meridionaes, desde os menos cultos, que vêem na exhibição scenica uma simples distracção, até aos mais ilustrados, que procuram ali a realisaçao tangível do seu ignorado ideal?

O gosto pelo theatro, que nos vem directamente da França, nossa constante inspiradora, patria intellecual de toda a raça latina, enraiza se cada vez mais nos nossos habitos, como natural resultante da intensa vida cerebral de um seculo de fantasistas, de enfastiados, de curiosos e de sedentos das violentas sensações do imprevisto.

Ninguem poderá, nem de certo intentará, deter essa corrente symptomatica do progressivo desenvolvimento intellectual de um povo.

Contraria a, na previdencia de uma catastrophe latente, traria como consequencia immediata outros perigos, menos tragicos, mas igualmente funestos.

Quantas familias tiram a sua subsistencia do theatro. Quantos veem no theatro a estrella do seu futuro, a suprema aspiração da sua carreira, o *disederatum* que deverá, em uma hora de indizivel jubilo, premiar-lhes as asperas fadigas da gestação mental, os esforços para conquistarem um sonhado e inacessivel ideal entrevisto em um momento de ardente inspiração?

Desde que o theatro é um dos primeiros elementos civilisadores, por influencia do qual se corrigem os costumes, se ampliam os horizontes artisticos, se illuminam os entendimentos menos lucidos, desde que o theatro equivale, alternadamente, para as multidões a um fino prazer espiritual, a uma lição instructiva, a um passa tempo indispensavel e a um emprego de muitas aptidões, que sem elle permaneceriam improductivas, é evidente que esse theatro representa em qualquer paiz uma instituição da maxima importancia, que como tal tem jus a toda a protecção dos poderes constituidos.

Não se trata, por conseguinte, de censurar inopportunamente aquelles que o frequentam, e sim de condenar severamente aquelles que o não protegem, garantindo-nos contra as possibilidade de perigo.

Enterrar os mortos e cuidar dos vivos, eis a phrase que um grande estadista pronunciou, (novo Mario erguido sobre as ruinas de Carthago, ao ver caida a seus pés uma cidade desmoronada).

Enterremos piedosamente os nossos queridos mortos, mas... *les morts vont vite*; não tarda que se percam na espessa sombra do olvido, onde se esvaiem todas as nossas tristezas e todas as nossas alegrias, os restos carbonizados e informes d'esses martyres da imprevidencia.

Aproveitemos a hora presente para cuidar seriamente dos vivos, exigindo a todos os theatros as condições de segurança que faltavam no theatro Baquet, e pedindo aos ministros que se dignem facilitar-nos o meio de gosarmos um espectaculo, sem a collaboração obrigatoria da perspectiva de um cemiterio.

Em seguida a essa noute tragică, de que todos nós trazemos o luto no coração, surgiu uma apparição, divinamente consoladora, que nos provou que a humanidade, a despeito da negra philosophia teutonica, que alastrá as suas raizes venenosas de um a outro extremo da Europa, é ainda susceptivel d'estes effusivos delirios d'amor, que tudo confortam e resgatam, que tudo suavizam e redimem, com o seu poder sagrado e omnipotente.

De todos os pontos do paiz jorraram caudas de esmolas, abrem-se inexgotaveis mananciaes de caridade, e a misericordiosa alma do povo portuguez revela-se em toda a sua doce sensibilidade intuitiva, em toda a sua bondade ineffavelmente compassiva.

A' frente d'essa cruzada do bem, levanta-se o prestigioso vulto de uma rainha. A sr.ª D. Maria Pia, desceu os degraus do

throne para subir a ingreme escada que condiz ao tugurio do pobre, indo curvar-se piedosamente á beira do catre dos feridos; e depois de repartir com os desvalidos a abençoada esmola do seu bolsinho, a rainha ungiu as chagas d'esses Jobs com lagrimas, provando ao mundo que as princezas tambem choram quando possuem, como a rainha de Portugal, uma fina sensibilidade de mulher, vibrante a todos os infortunios, e uma grande alma de mãe, susceptivel de todas as dedicações.

GUIMAR TERRÉZAO.

UMA PAIXÃO

O padre José não era um sacerdote como são os outros. Triste, muito triste mesmo para a sua extrema mocidade, a melancolia que o dominava era um enigma que fazia scismar todos.

A carreira ecclesiastica nas ilhas, é, senão brilhante, pelo menos muito appetecivel, muito apresentavel, e cercada de um respeito popular que enche de satisfação os corações simples dos presbyters. Elles são os guias natos de todas as aventuras da alma, atravez a odyssea terrena. E são elles ainda, os que, nas suas mãos sagradas, teem os passaportes em rega para o céo.

Ser moço e padre, eis, portanto, um vasto sonho d'ouro e incenso, que seduz as imaginações ingenuas d'aquelle montanhezes altivos das ilhas, poetas rusticos pelo nascimento entre os cerros alcantilados e os plainos areentos circundados de mar.

A alma d'elles, aprende com a canção das ondas, com o leve sussuro da aura, com o vôo cortante das aves; tem delicadezas infinitas de sentimento, expressas no aneio fervente dos seus cantos, feitos de beijos de luar, feitos de estrelas da noite e de virações subtils.

E cada alma de um d'esses montanhezes, é a alma de um poeta em toda a nitidez candida e resplandcente da mocidade e do desconhecimento do mundo. Oh! felizes os que moralmente dormem embalados n'esses berços de flores, a sós com as suas purissimas crenças tradicionaes, no patriarchismo absoluto dos povos ignorados.

Ora, o padre José, fôra um d'esses singelos filhos do campo, amoreados pelo sol e fortificados pela brisa alpestre.

E namorára como todos os rapazes. E tivera jubilos infantis, quando sentira pela vez primeira, entre as suas mãos fortes, os queridos e tenros braços, a ondulante figura da sua apaixonada. E bebera no seu olhar limpidos como as lagoas quietas, todo um futuro d'amor.

Mas uma epidemia cruel, que assolou a ilha, devorou a virgem dos seus sonhos, a esplendiada Maria.

Cuidou de enlouquecer, o rapaz; demasiado religioso, porém, para attentar no suicidio, e desejoso de viver só para a recordação d'ella, sempre viva na sua imaginação dolente, de namorado, resolveu tomar ordens sacras.

Tinha só a mãe, no mundo, e essa pobre montanheza rude, alquebrada e preocupada de trabalho, não comprehendia a extrema sensibilidade do seu coração.

Foi, pois, para o seminario d'Angra, e de lá voltou à sua terra, ordenado e com grande reputação de talentoso.

Desenvolveu-se-lhe a intelligencia ao calor espiritual da philosophia christã, e o seu amor purificou se, subtilizando-se n'uma aspiração abstracta da sua alma virgem e ardente, a inclinar-se sempre para os mundos desconhecidos, onde via a imagem d'aquelle que elle amara na terra.

A pressa, a ancia de largar este mundo, era visivel no seu semblante de visionario, docemente macerado e sonhador.

Quando depois da sua primeira missa, a mãe o foi estreitar nos braços, ajoelhada ante a rendilhada cadeira de espaldar, em que elle, todo coberto d'ouro, na grande pompa liturgica, a recebeu, em commovente ceremonial, poude a pobre mulher, toda tremula, ouvir dos seus labios sagrados estas palavras estranhas, cortadas de soluções:

—Oh! mãe! se eu podesse apertar igualmente aquella que Deus lá tem!

Aquella que o bom Deus lá tinha, era a sua promettida noiva, era a outra mulher que elle mais amara na terra e cuja morte brusca havia cortado para sempre o verde campo risonho das suas chimeras juvenis.

E a cabeça coberta com o barrete symbolico da sua realza ecclesiastica, pendeu-lhe sobre o peito, enquanto o publico olhava absorto, o clero psalmodia contente, e os thribulos de prata rendada, agitados em roda d'elle por mãos de creanças, espalhavam docemente no espaço os seus aromas orientaes.

O novo presbyter tinha nas mãos um lenço de linho fino,

alvo e immaçulado como a sua alma, e que de vez em quando chegava à fronte delicada, para enxugar algumas lágrimas que se denunciavam nas palpebras e que o público atribuía à commoção do momento. Mas um ataque de dyspnea, fez-o inclinar a cabeça para traz no espaldar da alta cadeira, para respirar com força, com esse movimento peculiar dos tisicos, e uma espuma ensanguentada purpureou-lhe os labios descorados. Então foi rápido com o lenço à bocca, de temor que se lhe salpicassem as vestes douradas, que pertenciam à egreja.

O lenço ficou golpeado de sangue, semelhando na sua mão de cera um grande cravo branco, rajado de vermelho.

A mãe, que lhe ouvira distintamente murmurar o nome de Maria, com uma expressão dolorosa, e que sabia a quem elle alludia, segredou-lhe com esse accento amoroço e suave, cujo esgredo todas as mães possuem:



ACTOR FIRMINO

te d'ali, e viajava na eterna re-
gião dos sonhos.

Finda a ceremonia, todos voltaram ao prosaismo da vida, à luta pela existencia, menos elle. Os dias succederam-se crueis, as noites pungentes.

A maneira que se approximavao termo fatal d'aquella existencia, a imaginação exaltava-se-lhe, e as suas predicas tinham o cunho phantastico do sobrenatural, proprio de um homem que fallava do humbral da eternidade.

Afinal, um dia, foi a mãe encontral-o morto no seu quarto. Era à tardinha, ao descer do sol no horizonte, quando a brisa perfumada e quente penetrava, como uma caricia, pela larga janela aberta sobre os campos verdes.

Estava reclinado sobre uma enorme poltrona de carvalho, e parecia dormir. O rosto, de uma pallidez creme, destacava-se vigorosamente do espaldar negro da cadeira gigantesca.

Sobre uma meza, ao lado, um album enorme com esquisses de



ARSENAL DE VENEZA

—Filhol! filhol que dás cabo de ti!
E in petto, acrescentava:

—E de mim...

O joven sacerdote encarou a mãe, e n'um arranco, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-a com ternura.

E os seus labios descorados, proferiram algumas palavras para lhe inspirar confiança ácerca da sua saude, ao mesmo tempo que recaia mentalmente no seu pensamento fixo muito distan-

campo; e na pagina aberta, um retrato a crayon, da Maria, de uma pasmosa semelhança...

A roda do retrato, uma elegante silva de flores silvestres, apenas começada...

O lapis tinha-se desprendido dos dedos inertes e rolado para o chão.

JOSÉ MARIA DA COSTA.